

Passadeiras de flores em Vila Real

Elísio Amaral Neves

Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real



4
9

2.^a Edição

AGRADECIMENTOS / CEDÊNCIA DE FOTOGRAFIAS

Carlos Maria de Sousa Freitas (CSF), Eduardo Cândido Lopes da Silva, Herds. (ELS), Foto Marius (FM), Fundo Documental Aquiles de Almeida — Arquivo Municipal de Vila Real (AA), Joaquim Carlos Barreira Gonçalves (JB), José António Carvalho Pinto (CP), Manuel da Silva Mota e Claro (MC), Maria de Lurdes Pinto Martins (MLM), Maria Hercília Agarez (MHA), Turismo do Douro, E. R. (TD).

LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

As legendas comportam as seguintes informações: arruamento, data, fotógrafo e colecionador.

déc. — década de

EAN — Elísio Amaral Neves

Manteve-se a ortografia original nas citações.

Título: *Passadeiras de Flores em Vila Real*

Autor: Elísio Amaral Neves

Cadernos Culturais, IV Série, n.º 9

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 300 exemplares

Junho de 2011 (2.ª Edição, revista)

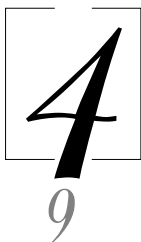
Depósito Legal: 329438/11

ISBN: 978-972-9462-84-9

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. — Vila Real

Passadeiras de flores em Vila Real

Elísio Amaral Neves





Capela da Senhora dos Cativos (séc. XVII)

O IV Concílio de Latrão, no séc. XIII, estabeleceu para os católicos os preceitos religiosos, aliás impostos pelos 2.º e 3.º Mandamentos da Igreja, relativos à obrigação de se confessarem e comungarem na época da Páscoa, podendo os enfermos fazê-lo em casa e até no leito.

Nesta última circunstância, os familiares dos enfermos solicitavam aos párocos da sua área a deslocação a suas casas, ocorrendo esta deslocação na maior parte das vezes sem qualquer manifestação exterior. No entanto, a visita a casa dos enfermos e entrevados podia igualmente acontecer com acompanhamento, habitualmente denominado Sagrado Viático (originariamente esta expressão só se aplicava à Eucaristia ministrada aos que se encontravam prestes a morrer), Procissão (ou Visita) do Senhor aos Enfermos, Procissão do Senhor aos Doentes ou Procissão do Senhor aos Entrevados, expressões que designam o grupo de pessoas que acompanham o sacerdote, com as funções de segurar o pálio, tocar a campainha, transportar círios e ajudar na distribuição da comunhão.

Em Vila Real, encontramos este costume já vulgarizado na década de 1870¹ (admitimos que, à semelhança do que aconteceu noutras regiões do país, se tenha estabelecido alguns séculos antes), numa manifestação que ocorre em simultâneo com procedimento idêntico para com os presos da Cadeia Civil, numa altura em que estes já não tinham possibilidade de ouvir a missa semanal na Capela da Senhora dos Cativos, capela particular do séc. XVII,



Procissão do Senhor aos Doentes, déc. 1960

situada em frente da cadeia e desde 1815, e após prolongado abandono, convertida em casa da guarda dos soldados que serviam no estabelecimento prisional.

Em nossa opinião, o Sagrado Viático em Vila Real enquadra pois, desde o início, os reclusos, fazendo por isso todo o sentido a tradição de que o mesmo teve origem na Paróquia de S. Dinis, local onde se situavam a Cadeia Civil e o Aljube (cadeia eclesiástica). Só posteriormente terá sido estendido aos enfermos, numa atitude que, estamos certos, deve ter revestido uma forma menos exuberante, já que a visita à Cadeia configurava por vezes uma caridade um pouco ostentosa. Por essa altura, as artérias da vila, assim como a Cadeia,

¹ Cf., por exemplo, *O Transmontano*, Vila Real, 12 de Abril de 1874, p. 2.

eram enfeitadas por comissões que se organizavam por rua, com palmeiras cruzadas em arco, mastros com bandeiras, colgaduras, colchas e vasos com flores nas varandas e janelas. Arbustos e rosmaninho assinalavam as portas dos enfermos e entrevados, objecto da visita do pároco para efeitos de ministrar a Santa Eucaristia.

A visita ocorria inicialmente no Domingo de Pascoela e muitas vezes em simultâneo nas duas paróquias vila-realenses, S. Dinis e S. Pedro. A procissão que se organizava para a freguesia de S. Dinis, e que por isso contemplava a Cadeia Civil, era habitualmente acompanhada pelas principais autoridades judiciais, administrativas, militares e religiosas. Aos presos era igualmente oferecido dinheiro, recolhido por crianças vestidas de anjos que acompanhavam a procissão. A Banda Marcial, constituída em 1875, esteve presente nas primeiras iniciativas, tocando durante o percurso e as visitas, e sobretudo enquanto decorria o jantar (designação dada à refeição que hoje conhecemos por almoço) oferecido aos reclusos, que revestia carácter excepcional. Como exemplo, refira-se que, em 1881², foi oferecido a cada preso, pelos sócios da Associação Industrial Vila-Realense³, de que era presidente Miguel José Claro, um quartilho de vinho, uma bola, sopa de macarrão e ervanços, sopa de trigo e macarrão, feijão ensopado, arroz, um arrátel (459 g) de vaca, um arrátel de vitela assada, um arrátel de presunto e duas laranjas.

Na Paróquia de S. Pedro, nesses tempos mais recuados, o Sagrado Viático⁴ era acompanhado por uma banda e, talvez por a importância que as entidades lhe davam ser desigual, é nessa área urbana, e em particular no seu bairro mais popular, o Bairro dos Ferreiros (Bairro de Santa Margarida), que os primeiros enfeites vão ganhar uma dimensão que cativou a atenção de todos.

Segundo a tradição, teriam aparecido no início da década

² *O Vilarealense*, Vila Real, 5 de Maio de 1881, p. 2.

³ A Associação Industrial Vila-Realense foi fundada em 1865 e, no âmbito das suas competências, administrava um Montepio e um Monte de Piedade, designação que na época qualificava uma espécie de estabelecimento parabancário a que podiam recorrer os seus associados.

⁴ O Sagrado Viático realizou-se com mais ou menos regularidade até 1912, inclusive. Restaurada a tradição em 1945, na sequência de um interregno de mais de três décadas, foi suspenso de novo em 1967, ano da última procissão conhecida.

de 1930, quando era presidente da Câmara o Dr. Júlio Antônio Teixeira, as primeiras passeadeiras no referido bairro⁵. Certo é que, da década seguinte, dos anos de 1946 e 1947, temos imagens muito expressivas dos arranjos efectuados na Rua Nova (Paróquia de S. Dinis), que igualmente reivindica a paternidade das decorações mais expressivas e o restaurar da tradição⁶. Mas as passeadeiras de flores⁷ no formato que ganhou justificado interesse turístico e envolveu um número muito significativo de arruamentos da cidade, nasceram na década de 1950⁸.

Em 1955, segundo Antônio de Jesus Lima (1896-1989)⁹, um homem muito habilidoso, proprietário do Café Imperial na Rua Direita (onde hoje está o Café Guanabara) e primeiro animador das Marchas Luminosas, uma comissão de senhoras da Rua Alexandre Herculano, onde se distinguiam a Dona Maria de Lurdes Pinto Martins (1916-), funcionária do Ninho dos Pequenininhos, e a chapeleira Dona Odete Malheiros, procurou-o, por sugestão do Sr. Jaime Samardã, para lhe solicitar uma ideia para um arco com que pretendiam embelezar a rua, por ocasião da Visita do Senhor aos Entrevados. Antônio Lima

⁵ Não se confirma esta informação, já que o mandato do Dr. Júlio Teixeira (14 de Março de 1931 a 29 de Novembro de 1932) faz parte do longo período de “umas dezenas de anos” em que o Sagrado Viático não se realizou em Vila Real. (*O Vilarealense*, Vila Real, 12 de Abril de 1945, p. 2.)

⁶ «[...] As ruas por onde passou o emocionante préstito, mas sobretudo naquelas onde havia enfermos que receberam a Visita do Sagrado Viático, estavam caprichosamente engalanadas, destacando-se de entre todas, sem desprimor para ninguém, a Rua Nova, toda alcatifada de rosmaninho, lindas passeadeiras, profusão de plantas ornamentais, etc. e a Rua da Misericórdia e Largo de “O Vilarealense”, onde se atapetou o pavimento de mimosas flores, erguendo-se elegantes arcos de palmeiras, vendo-se ricos damascos e colgaduras pendentes das janelas e varandas.

[...] Eis uma simpática tradição que se reatou e cujas brilhantes inovações é preciso manter, conservar, e cobrir sempre daquele encanto que revestiram este ano.

Aos srs. P.^{cs} Nascimento Barreira e Henrique dos Santos, abades de S. Pedro e da Sé e aos fiéis, — os nossos parabéns.» (*O Vilarealense*, Vila Real, 2 de Maio de 1946, p. 3)

⁷ Também designadas por tapetes de flores, tapetes floridos ou tapeçarias floridas.

⁸ No final da década de 1940, o Sagrado Viático já envolvia um número significativo de arruamentos: «[...] Nalgumas ruas estabeleceram-se artísticas decorações, numa enternecedora competição, destacando-se pelo seu requintado bom gosto e calorosa manifestação de fé as ruas de Santa Marta, do Sargento Pelotas, do Córgo, da Guia, Misericórdia e Fonte Nova, sendo dignas de menção especial a rua de S. Dinis, onde os moradores verdadeiramente capricharam em entusiasmo e intuição e, ainda — sem desprimor por ninguém! — a rua Nova, que bateu o ‘record’ na visita do Senhor aos Entrevados, postando-se, aqui e além, figuras alegóricas, espargindo flores sobre o pátio, enquanto a Academia cobria com as suas capas negras o pavimento da rua por onde passou o Sagrado Viático.» (*O Vilarealense*, Vila Real, 8 de Abril de 1948, p. 3)

⁹ “Crónica da cidade — A origem das tapeçarias floridas nas ruas de Vila Real”, in *Ordem Nova*, Vila Real, 26 de Maio de 1963, p. 2.

disse de imediato não concordar com a ideia, dado tratar-se de uma cidade que justificaria uma decoração mais elaborada, sugerindo-lhes em alternativa que arranjassem muitas flores e ramagens. Assim fizeram e, no dia combinado, ficaram surpreendidas quando o Sr. António Lima mostrou um papel com uma planta de uma autêntica passadeira de flores. E assim começou esta manifestação (no ano de 1957, e não 1955, como por equívoco o Sr. António Lima refere), que produziu verdadeiras obras de arte e atraiu muitas outras pessoas e instituições que passaram a acompanhar o Sagrado Viático, e que envolveu um grande número de ruas das duas paróquias, deixando as visitas de ser feitas em simultâneo nas duas freguesias: o Domingo de Pascoela foi inicialmente dedicado à de S. Dinis e o imediato à de



Rua Nova, 1946

S. Pedro. (Às vezes, e porque o inverno se prolongava, não havendo por isso flores suficientes, a data era mudada e a iniciativa tinha lugar um pouco mais tarde.)¹⁰

A Paróquia de S. Dinis foi animada pelo Padre Henrique

¹⁰ Situação que a imprensa não interpreta favoravelmente: «[...] o acontecimento tem o seu calendário próprio, que não pode nem deve fugir à espiritualidade que criou e fundamentou o efectivar desta exibição religiosa, em complemento da Procissão do Senhor aos Entrevados [...]».» (*O Vilarealense*, Vila Real, 2 de Maio de 1963, p. 2)

Maria dos Santos (1920-)¹¹. A Rua Nova, independentemente do envolvimento de praticamente todas as pessoas da rua, como aliás acontecia nas restantes, tinha como principais responsáveis as senhoras Dona Maria da Conceição Ferreira Botelho e Dona Adelina de Sousa Freitas, sendo a recolha das flores e a subsequente separação das mesmas feita no forno à data existente no Largo do Terreiro. Na Paróquia de S. Pedro, a principal área objecto desta actividade, nessa época (o período mais nobre decorre entre 1957 e 1963, havendo notícias de idênticas iniciativas posteriores a esta data¹², mas nem sempre associadas ao Sagrado Viático, como é o caso das passeadeiras feitas para a visita do Presidente da República, Almirante Américo Deus Rodrigues Tomás em 1965¹³, ou as feitas na década de 1990, na Rua Conde de Vila Real, por ocasião da Procissão do Corpo de Deus), o grande animador e personalidade indissociável desta iniciativa é o pároco da freguesia, Padre Abel Teixeira Sobrinho (1911-2000)¹⁴. Em termos gerais, refira-se que

¹¹ O Dr. Henrique Maria dos Santos recorda ainda hoje o ambiente de festa que se vivia nas ruas que o pároco visitava e dá testemunho da simulação de situações de doença que então se fazia, quando não havia qualquer doente ou entrevado em determinada rua.

¹² Este tipo de actividade estendeu-se até 1967, inclusive, isto é, onze anos no total.

¹³ As passeadeiras, com desenhos alusivos à visita do Chefe de Estado em 23 de Maio de 1965, estendiam-se num itinerário que o mesmo iria percorrer a pé, na companhia da sua comitiva: Avenida Carvalho Araújo, junto à Sé, Largo do Pelourinho, Rua António de Azevedo, Rua Serpa Pinto, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Dr. Roque da Silveira, Rua Alexandre Herculano e Rua da Boavista.

¹⁴ Encontrámos muitas referências à Procissão do Senhor aos Entrevados na Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], de que o P.^o Abel Sobrinho foi Superior.

Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Outubro de 1939 a 30 de Junho de 1958: 16 de Abril de 1950, p. [43 v]; 1 de Abril de 1951, p. [53]; 20 de Abril de 1952, p. [63]; 12 de Abril de 1953, p. [71]; 25 de Abril de 1954, p. [77]; 17 de Abril de 1955, p. [82]; 8 de Abril de 1956, p. [85 v]; 19 de Abril de 1958, p. [95]. «[...] Dia 20 – Dia do Senhor Jesus aos doentes.

Logo de manhã estrealjaram foguetes, e uma banda de música, percorrendo as principais artérias da cidade, entoou algumas marchas. Os pavimentos das ruas estavam artisticamente enfeitados com pétalas de variadas flores, de arbustos, serrim colorido, etc., apresentando algumas, lindos motivos litúrgicos muito bem desenhados. Distinguia-se, entre todas, a Rua Alexandre Herculano, pelo primor de execução de sua figuras, das quais destacamos a igreja de S. Pedro, que causou em toda a gente, a maior admiração.

Às 9 horas da manhã, começou a movimentar-se a Procissão, muito concorrida de povo e com muitas figuras de anjinhos e de santos.

Quando a Procissão terminou o seu enorme percurso, passava do meio dia. Seguiu-se imediatamente a missa, com a qual se deram por findas, as cerimónias maravilhosas da manhã deste dia.» (Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Outubro de 1939 a 30 de Junho de 1958: 20 de Abril de 1958, p. [95 v]) Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Julho de 1958 a 1998: 11 de Abril de 1959, p. 8; 12 de Abril de 1959, p. [8 v]; 30 de Abril de 1960, p. [18 v]; 1 de Maio de 1960, p. 19; 16 de Abril de 1961, p. 22; 5 de Abril de 1964, p. 29; 24 de Abril de 1966, pp. [37 v] e 38; 9 de Abril de 1967, p. [40 v].

durante muitos dias, e quase sempre à noite, as pessoas organizadas por rua recolhiam em sacos, cestos e caixas¹⁵, nas quintas, montes e jardins, todo o tipo de flores e verdes da época (folhas de aradeira, camélias, rosmaninho, flor de giesta branca e amarela, alecrim, flor de tremoço, malmequeres, etc, etc). Reuniam-se em espaços próximos das ruas a enfeitar suficientemente amplos para permitirem o trabalho de selecção, por forma a tirar partido das flores, e coloriam nalguns casos, em substituição das cores em falta, com anilinas a serradura¹⁶ (obtida na Fábrica de Serração de



Procissão do Senhor aos Doentes, 1957

Abambres e na Empresa Cerâmica de Vila Real) que constituía a base das passeadeiras. Esses espaços eram lugares como o Ninho

¹⁵ Transportados em camionetas que tanto podiam ser do armazenista Fernandes, da Rua Avelino Patena, como da Câmara Municipal ou do Regimento de Infantaria 13, durante o comando do Coronel Camilo Leite Gomes.

¹⁶ Manuel Claro recorda que usou rasas de madeira que corria com cal e um pouco de corante, em substituição das pétalas das rosas, quando as não havia em quantidade suficiente, nas caras e mãos das figuras representadas nas passeadeiras por que foi responsável.

dos Pequeninos; o antigo quartel dos Bombeiros da Cruz Branca, na Rua Direita; a oficina da Dona Casimira, colchoeira, na Rua de Santa Marta; os baixos da casa de jornais da Dona Marquinhos, na Rua Miguel Bombarda; os baixos da casa da Dona Irene Mota e Costa e a oficina do Sr. João albardeiro, na Rua Avelino Patena¹⁷. Na noite anterior ao da visita e durante toda a noite, com um intervalo para um café, um chá e uns biscoitos, atapetavam as ruas, e sem que alguma vez, como era aliás desejo de todos, houvesse competição, procurava-se de ano para ano rivalizar saudavelmente, independentemente de ficar sempre o sentido geral de respeito pelo trabalho realizado por todos.

Certamente que, a esta distância e independentemente do reconhecimento geral que levou a própria Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão¹⁸ e a Câmara Municipal de Vila Real (na altura dirigidas respectivamente pelo Eng.^o Pedro Alvellos e Eng.^o Humberto Cardoso de Carvalho, que igualmente apoiavam a iniciativa), a usá-la como atracção turística¹⁹, acabando por divulgar a sua imagem nos postais ilustrados e fotografias da Foto Marius e nos desdobráveis turísticos editados pela Comissão de Turismo²⁰, não podemos esquecer o trabalho extraordinário realizado na Rua Alexandre Herculano pela Dona Maria de Lurdes do Ninho e os desenhos, transpostos posteriormente para moldes de madeira, de

¹⁷ E também os quintais, ao ar livre.

¹⁸ Para além da inclusão de imagens das passadeiras nos desdobráveis turísticos adiante referidos, a Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão adquiriu em 1960 à Foto Marius (Mário Rodrigues da Silva, 1905-1983) 29 fotografias dos «tapetes floridos», com vista a futura divulgação e promoção desta manifestação artística (Livro de Actas n.º 1 da Comissão Regional de Turismo, p. 95, reunião de 8 de Junho de 1960) e atribuiu um subsídio de 1.000\$00, «com carácter de permanente», para as despesas com a execução das passadeiras na Paróquia de S. Pedro, dado ter sido reconhecido que «esta animação religiosa tem muito interesse turístico». (Livro de Actas n.º 2 da Comissão Regional de Turismo, pp. 53 v e 54, reunião de 16 de Maio de 1961).

¹⁹ Entendimento e reconhecimento anterior à criação da Comissão de Turismo (1958). Refira-se, a título de exemplo, que a Foto Trasmontana, propriedade de César Fontes Torres e direcção técnica de Izildo de Sousa Santos, inaugurou o seu *atelier* fotográfico no Largo de São Pedro, n.ºs 1 a 5, com uma «longa reportagem», que expôs nos seus escaparates, da Procissão do Senhor aos Entrevados. (*A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 5 de Abril de 1951, p. 6)

²⁰ *Região de Turismo da Serra do Marão – Portugal*, Julho de 1959, e *Vila Real – Portugal / Região de Turismo da Serra do Marão*, Fevereiro de 1962.

O desdobrável de 1962, com maquete do Pintor António Cruz, foi premiado no concurso de desdobráveis realizado pelo SNI.

Antônio Lima. São de recordar também, na Rua Avelino Patena, Manuel Claro (Manuel da Silva Mota e Claro, 1940-), que fazia os desenhos em papel de cenário na oficina de modista da Casa



Visita do Presidente da República, 1965

das Madames; Eduardo Cândido Lopes da Silva (1927-2003), o Eduardo da Papelaria, na Rua Dr. Roque da Silveira (antiga Rua Direita)²¹; na Rua Tenente Manuel Maria Bessa Monteiro (antiga

²¹ «[...] sob a orientação do P.º Abel Sobrinho, com a colaboração dos mestres Limas [Antônio e Armando Lima, o pugilista "Nero"], Nóbrega [Fernando Alves Pereira da Nóbrega, 1919-2004] e Eduardo Silva.» (*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 15 de Abril de 1959, p. 7)

Rua do Carmo), as religiosas do Colégio Moderno de S. José; na Rua de Santa Marta, o trabalho da Dona Casimira (Casimira de Jesus Trindade, 1908-2008), colchoeira; na Rua da Misericórdia, Joaquim Barreiro dos Santos e a Dona Morgana das Dores Guerra; na Rua Isabel de Carvalho, as jovens e a responsável pelo Lar “Protecção às Raparigas”; e tantas outras pessoas, nas ruas já referidas e também na Rua Miguel Bombarda, onde actuavam dois grupos divididos pelo “Sinaleiro”, na Rua do Prado e Largo do Prado, Rua Sargento Pelotas, Rua do Corgo, Ponte de Santa Margarida, Rua da Guia, Rua da Boavista, Rua Cândido dos Reis, Largo Visconde de Almeida Garrett, Rua dos Combatentes da Grande Guerra (antiga Rua Central), Rua 31 de Janeiro, Travessa da Portela, Rua Nova, Rua Camilo Castelo Branco, Rua de S. Dinis (na Vila Velha) e também nas Ruas Dona Margarida Chaves, António de Azevedo, Teixeira de Sousa, Marechal Teixeira Rebelo (junto às Florinhas da Neve), Fonte Nova e ainda em algumas outras, embora não habitualmente participantes²².

Infelizmente hoje não restam sinais desta manifestação artística que tanta gente trouxe a Vila Real²³. Uma deficiente compreensão da sua importância turística, que aos olhos de alguns pareceu ter suplantado o aspecto religioso, e algum aproveitamento político²⁴ terão contribuído para que acabasse em 1967. As razões principais no entanto têm a ver com os seus protagonistas. Manuel Claro foi

²² De que são exemplos a Rua do Jazigo e o Buraco Sagrado.

²³ Em 1962, numa altura em que já estavam envolvidos 20 arruamentos da cidade, o movimento de milhares de pessoas era comparado ao gerado pela Feira de Santo António. (*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 8 de Maio de 1962, p. 1)

²⁴ No dia 6 de Maio de 1962, dia do Sagrado Viático, o ministro das Obras Públicas, Eng.º Arantes e Oliveira, deslocou-se a Vila Real para inaugurar o Novo Mercado Municipal e participar na Homenagem ao Eng.º Humberto de Carvalho, que cessava funções depois de 8 anos de intenso trabalho como Presidente da Câmara Municipal. Antes de retirar, percorreu a cidade, admirando as passeadeiras por onde passaria a procissão, com destaque para as do «bairro íngreme dos Ferreiros», atitude considerada pela imprensa como particularmente gentil, já que, até essa altura, os únicos políticos que tinham visitado o referido bairro foram António de Azevedo Castelo Branco e Afonso Costa. (*O Vilaréalense*, Vila Real, 10 de Maio de 1962, p. 2)

Contrariamente à imagem positiva que a visita do ministro das Obras Públicas provocou na cidade, a construção das passeadeiras para a visita do Presidente da República, em detrimento das que eram feitas habitualmente para o Sagrado Viático, que, tanto quanto sabemos, não se realizaram nesse ano (1965) na freguesia de São Pedro, foi muito mal interpretada por alguns dos principais responsáveis por aquele tipo de decorações.

para o Porto frequentar a Escola de Belas Artes em 1962; o Padre Abel Teixeira Sobrinho cessou a responsabilidade na Paróquia de S. Pedro em 31 de Março de 1963²⁵; o Ninho dos Pequenininhos, “quartel-general” da Rua Alexandre Herculano, foi transformado em Instituto Maternal e a Dona Maria de Lurdes deixou de residir lá. A cidade cresceu e as alunas da Escola do Magistério distribuíram-se pelos novos bairros, descapitalizando de “mão-de-obra” as ruas onde se concentrava tão importante realização artística.²⁶

²⁵ ARAÚJO, Arnaldo Taveira de, *Memórias da Paróquia de S. Pedro de Vila Real – 1528-2000*, Vila Real, 2001, pp. 32 a 34.

O Padre Abel Sobrinho só saiu de Vila Real, na direcção da sua terra natal (Pereira, Mirandela), em 26 de Junho de 1963. (Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Julho de 1958 a 1998: 26 de Junho de 1963, p. 27)

²⁶ Este texto, agora numa versão revista e anotada, foi distribuído policopiado como catálogo da Exposição ‘Passadeiras de Flores’ (Museu de Vila Real, 17 de Dezembro de 2002 a 31 de Janeiro de 2003), e publicado na página 4 do Suplemento ‘Ritmos’ do jornal *Notícias de Vila Real*, Vila Real, 23 de Abril de 2003.



Rua Nova, 1946 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • CSF



Rua Nova, 1947 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • CSF



Rua Alexandre Herculano, 1957 • Foto-Elétrica • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1957 • Foto-Elétrica • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1957 • Foto-Elétrica • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1957 • Foto-Elétrica • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1958 • Foto-Elétrica • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1959 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Alexandre Herculano, 1959 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • TD



Ruas Dr. Roque da Silveira e A. Herculano, 1959 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • MLM



Rua Dr. Roque da Silveira, 1959 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • ELS



Rua Avelino Patena, 1959 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Alexandre Herculano, 1960 • Foto-Elétrica / Casa Macário • MLM



Rua Alexandre Herculano, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • TD



Rua Dr. Roque da Silveira, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Dr. Roque da Silveira, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • TD



Ruas Dr. Roque da Silveira e A. Herculano, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM





Rua Tenente Manuel Maria Bessa Monteiro, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM35



Rua Ten. Manuel M. Bessa Monteiro, 1960 • Alcídio Augusto Ferreira da Costa Agarez • MHA



Rua Avelino Patena, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • MC



Rua Avelino Patena, 1960 • Alcídio Augusto Ferreira da Costa Agarez • MC



Rua Avelino Patena, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • TD





Rua de Santa Marta, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



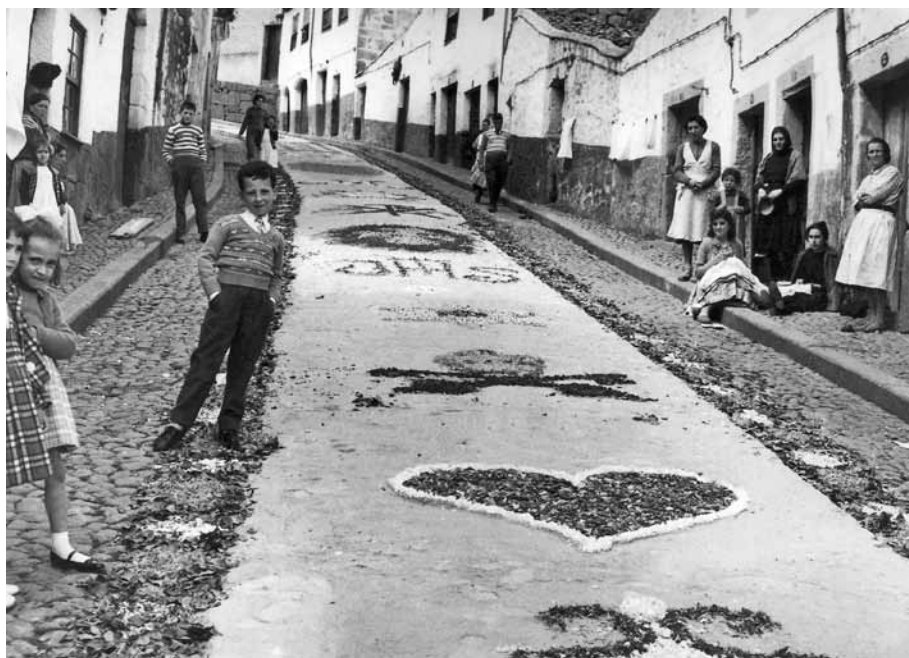
Rua do Corgo, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Largo do Prado, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua do Corgo, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua do Corgo, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Largo do Prado e Rua de Santa Marta, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Ponte de Santa Margarida, 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • TD



Rua Avelino Patena, 1961 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Avelino Patena, 1961 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Miguel Bombarda, 1961 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua do Prado, 1961 • Aquiles Ferreira de Almeida • EAN



Rua Avelino Patena, 1962 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua da Boavista, 1962 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Nova, 1965 • Fotógrafo não identificado • CP





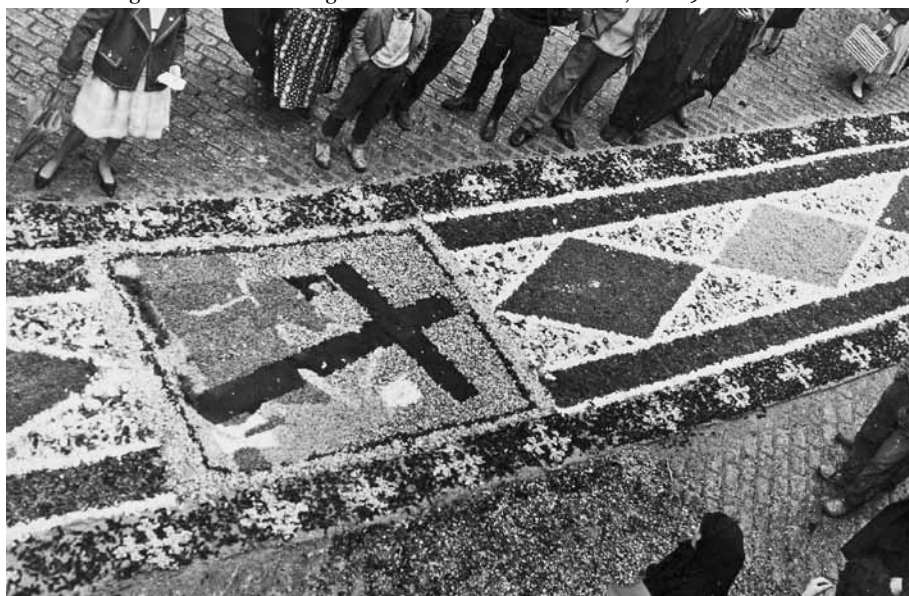
Ruas Dr. Roque da Silveira e A. Herculano, déc. 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua Alexandre Herculano, déc. 1960 • Fotografia Macário • MLM



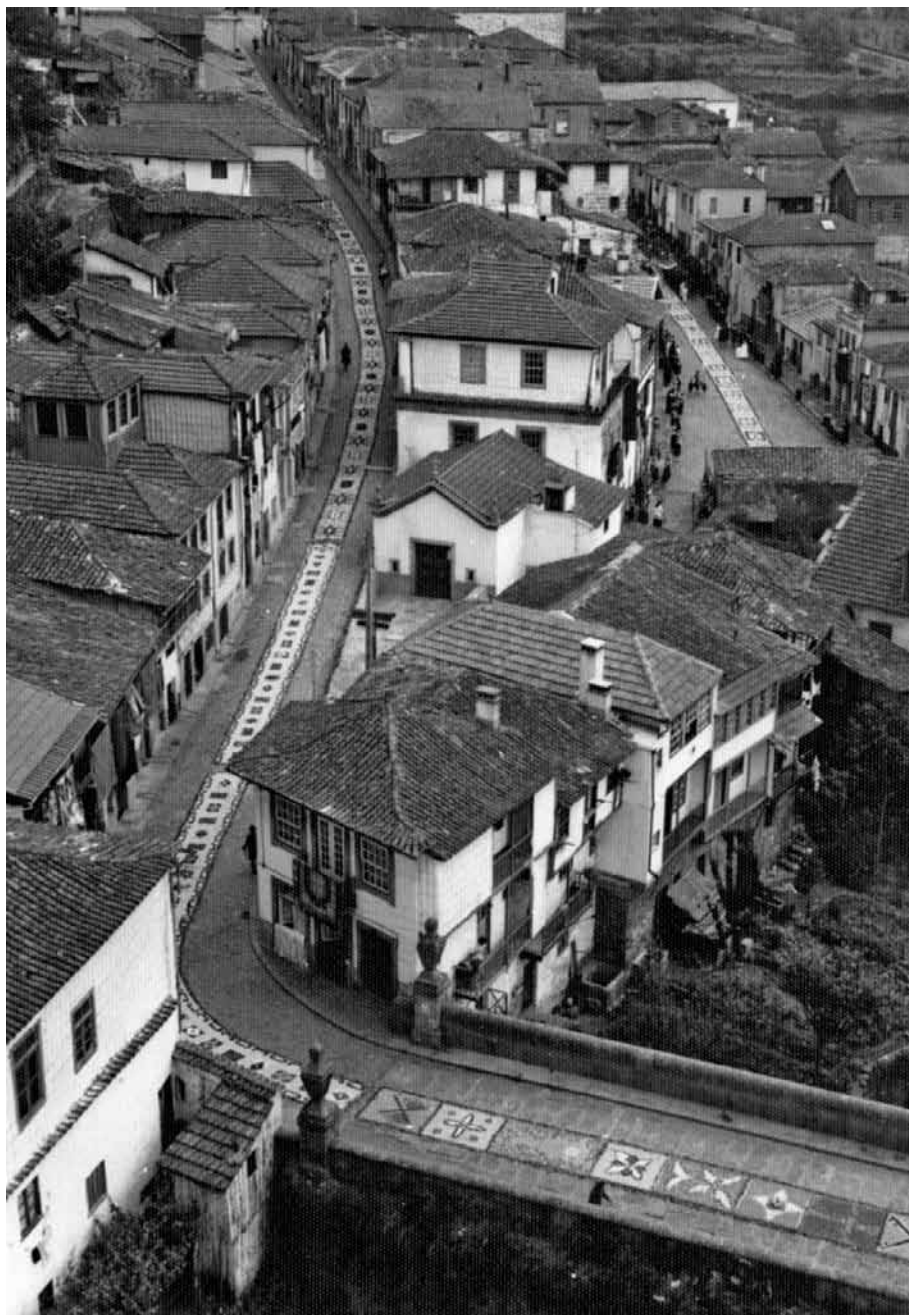
Rua Miguel Bombarda e Largo Visconde de Almeida Garrett, déc. 1960 • Marius • FM



Rua da Boavista, déc. 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Largo do Prado e Rua de Santa Marta, déc. 1960 • Fotografia Macário • EAN



Ponte de Santa Margarida e Ruas Sarg. Pelotas e do Corgo, déc. 1960 • Fotografia Macário • EAN



Ponte de Santa Margarida e Rua da Guia, déc. 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



Rua dos Combatentes da Grande Guerra, déc. 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM 9



Rua dos Combatentes da Grande Guerra, déc. 1960 • Marius (Mário Rodrigues da Silva) • FM



60 Ruas 31 de Janeiro e dos Combatentes da Grande Guerra, déc. 1960 • Marius • FM



Rua Marechal Teixeira Rebelo, déc. 1960 • Fotografia não identificado • JB





Rua Camilo Castelo Branco, déc. 1960 • Fotografia não identificado • EAN

ISBN: 978-972-9462-84-9

00 06 2011